

O advento da epidemia de AIDS, que hoje já se configura em escala mundial parece trazer em sua esteira o potencial para efetuar importantes mudanças sociais. Não será a primeira vez que o surgimento de uma nova doença causa alterações de grande escala tanto a nível do comportamento individual, quanto a nível político. Podemos lembrar a este propósito os efeitos devastadores do surgimento da sífilis durante o século XVI que veio a alterar em poucas décadas as práticas sexuais em toda a Europa e segundo alguns teria sido um fator da mais alta importância para a consolidação política do puritanismo em vários países.

Hoje o espectro da AIDS ronda não só metrópoles do primeiro mundo, onde desde a década de '60 se vem desenvolvendo a chamada "revolução sexual", mas também regiões como a África Central onde a sexualidade ainda é regida pelo mais arraigado tradicionalismo. Assim como a própria sexualidade é concebida e vivenciada em múltiplas maneiras inextricavelmente associadas às culturas e sociedades específicas, também as doenças adquirem seus significados culturalmente e, estes lhes emprestam uma diversidade de potenciais sociais e políticos. Essa noção fica exemplarmente ilustrada pelas diferentes características epidemiológicas da AIDS na África, onde seu alastramento se dá entre a população em geral, e nas Américas e Europa onde atualmente permanece em grande parte confinada a certos grupos de risco de contornos ainda bem definidos.

Portanto, ao discutirmos as implicações e consequências dessa doença não podemos tratá-la como um simples dado da natureza tomado em isolamento do seu contexto social e cultural específico. Propõe-se aqui um exame de suas manifestações no Brasil ou, mais especificamente em São Paulo embora não sejam descritas referências e comparações a situações ocorrendo em outros países.

Não se pretende fazer um histórico detalhado do desenvolvimento da doença entre nós, sendo suficiente lembrar que ela começou a ser notificada no segundo semestre de 1982, quando surgiram 6 casos, dos quais 4 foram a óbito e a partir de então o número de casos notificados teve uma tendência a se duplicar a cada seis meses tendo atingido a preocupante cifra de 238 somente nos primeiros 3 meses de 1987. A situação atual no Estado de São Paulo, é a de um total de 1026 casos notificados, dos quais 387 já faleceram. Os principais fatores de risco encontrados são: homossexualidade masculina(54,94% de casos), bissexualidade masculina

(28,96%), transfusão de sangue ou derivados (3,93), uso de drogas en'
dovenosas não prescritas (2,89%) e contato heterossexual de bissexual
maculino (1,35%) ¹ . Revela-se portanto um quadro onde 83,90% dos
doentes era adepto a práticas homossexuais, quer num contexto exclusi
vamente homossexual, quer numa alternância com a heterossexualidade .
Repetia-se assim, entre nós, a constatação americana de que a princi-
pal forma de transmissão da AIDS se dá através do contato homossexual
masculino.

A chegada da AIDS ao Brasil, coincidiu
com um período em que a homossexualidade começava a ganhar grande vi-
sibilidade, principalmente devido ao boom do comércio voltado ao pú-
blico gay mas também em virtude das atividades de grupos engajados em
uma militância política de defesa dos direitos civís dos homossexu-
ais. Embora aqui as organizações gays com fins comerciais ou políti-
cos não tenham chegado a atingir a estrutura ou a solidez de suas con-
gêneres americanas elas já começavam a adquirir uma certa legitimida-
de social. À noite grandes aglomerações se formavam nas calçadas às
portas de bares e boites, voltadas para o público gay. Saunas de equi-
pamento sofisticado ofereciam a possibilidade de variadas práticas ho-
mossexuais em casal ou em grupo e, as bancas de jornais estavam reple-
tas de luxuosas publicações pornográficas, em sua maioria estrangei-
ras, dedicadas à exibição de corpos maculinos onde eram comuns as ce-
nas explícitas de sexo entre homens. É verdade que continuavam a ocor-
rer as ocasionais investidas policiais contra algumas das aglomera-
ções de homossexuais em certas ruas do centro e a repressão à prosti-
tuição de travestis assumia frequentemente características de brutali-
dade feroz, mas já se havia atingido uma tal legitimidade social que
se tornava possível a grupos de homossexuais conseguirem longas audi-
ências com autoridades como o Secretário de Segurança, para denunciar
essas violências.

Em 1982 quando surgiram os primeiros ca-
sos de AIDS no Brasil, alguns antigos militantes do Movimento Homosse-
xual ² reuniram-se em São Paulo com integrantes da recentemente elei-
ta administração estadual peemedebista para externar as suas preocupa-
ções e a partir desse encontro procedeu-se à criação do Programa de
Combate e Prevenção à AIDS, subordinada à Secretaria da Saúde. Algum
tempo depois, estabelecia-se o Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA)
independente de qualquer órgão oficial, formado por membros dos chama-
dos "grupos de risco" e simpatizantes, cuja preocupação era a de pres-
tar assistência aos doentes e, de fiscalizar a atuação dos médicos,
hospitais e demais autoridades ligadas à saúde pública.

Dada a impossibilidade de cura da doença uma vez estabelecida no organismo, o seu longo período de latência durante o qual o portador permanece sadio, embora talvez esteja espalhando a infecção, e as formas ainda um tanto misteriosas de contágio, procurou-se desde o início enfatizar a questão da prevenção. Porém deparava-se aí com um grande dilema sobre qual seria a abordagem preventiva mais eficaz: a recomendação de castidade, ou monogamia estrita ou a sugestão de alterações específicas, que tornassem as práticas homossexuais menos perigosas.

Havia sérias dificuldades práticas e políticas na implementação da proposta de uma monogamia estrita embora ela aparentasse indicar a maneira mais eficiente de reduzir o alastramento dessa síndrome. Afinal atribuía-se a rápida difusão da AIDS ao elevado número de parceiros sexuais, com os quais se alegava que os gays mantinham relações. Chegou-se até a divulgar como típico, o exemplo de um indivíduo que dizia ter tido 1.000 parceiros em um só ano. Embora estimativas dessa magnitude, extrapoladas para a população homossexual masculina como um todo, apresentassem um quadro exagerado não há dúvida de que entre esses indivíduos a alternância constante de parceiros constitui-se frequentemente um fator não só de prazer, mas também de prestígio.

Talvez não seja exagero a afirmação de que essa promiscuidade em muitos casos, é parte constitutiva da própria identidade gay. A propósito cabe aqui um rápido parentese para se lembrar que atualmente está muito difícil estabelecer qualquer tipo de "essência" seja biológica ou psicológica que sirva para distinguir a priori um indivíduo adepto de práticas homossexuais. Ganha portanto em importância a visão, defendida aqui, segundo a qual a atribuição de uma identidade homossexual é uma questão melhor entendida do ponto de vista da sociologia ou da antropologia quando se desenvolve a teoria da rotulação social (McIntosh - 1968). Basta lembrar que apesar da ampla difusão das práticas homossexuais masculinas, tradicionalmente no Brasil o único estigmatizado como "anormal", tem sido o parceiro percebido como "passivo". Até hoje, por exemplo, a prostituição masculina, seja na sua forma "viril" (michês), seja na forma pseudo-feminina (travestis) perpetua esse modelo. Só mais recentemente, vem ganhando força, uma concepção mais "democrática" segundo a qual ambos os parceiros seriam igualmente "homossexuais". Tirando-se a ênfase dos detalhes das práticas (quem faz o que) e dando-se toda a importância ao sexo fisiológico do parceiro (homem com mulher ou homem com homem), deixa-se de diferenciar os "ativos" dos "passivos", para se concentrar na identidade "heterossexual" ou "homossexual" do indivíduo.

Mas essas identidades não são dadas a priori pela natureza e, precisam ser socialmente construídas, variando de configuração de cultura para cultura (MacRae 1985). Quando por uma razão ou outra o indivíduo começa a se conceber como "homossexual", ele precisa passar por um período de aprendizagem para desenvolver esta nova identidade. Embora a cultura que envolve a todos nós no Brasil atual projete uma infinidade de imagens do que significa ser homossexual, estas vem quase invariavelmente, acompanhadas de conotações negativas. O "gueto" torna-se assim, uma das principais fontes de uma auto-valorização mais positiva para esses indivíduos portadores de uma identidade estigmatizada e isso é de grande importância para o seu equilíbrio e bem estar psíquico.

Por "gueto" entende-se aqui um campo social formado principalmente por certos bares, boites, saunas, cinemas, ruas, praças e banheiros públicos onde a certas horas do dia convergem um grande número de homossexuais. Lá se estabelecem redes de amizade que podem vir a desempenhar funções importantes nas vidas de seus frequentadores oferecendo além de sociabilidade, oportunidades de trabalho, moradia, ajudas financeiras e sexo. Porém seria errado imaginar que os homossexuais cheguem a constituir uma categoria social homogênea. Deve-se lembrar de início, que nem todos são frequentadores do "gueto". O próprio "gueto" é bastante diversificado, existindo em seu seio divisões de classe, raça, idade, gênero, nível cultural etc. (Perlongher 1987). Sem dúvida o principal elo de ligação entre esses indivíduos é o seu interesse pelas práticas homossexuais e, o seu desejo de compensar as estigmatizações sofridas na sociedade maior. Dessa forma a chamada "caça" ou "paquera", torna-se a grande razão de ser do "gueto" e o assunto dominante em todas as rodas de conversa que lá se formam.

Apesar de seu comportamento sexual ser diferente daquele da maioria dos homens, os gays em sua maior parte foram criados com os mesmos valores que os seus equivalentes heterossexuais. Assim como eles foram levados a acreditar que enquanto homens tinham direito a uma grande liberdade sexual, sendo que muitos consideram que o seu prestígio pessoal depende do número de diferentes conquistas sexuais dos quais são capazes. Assim, como é de se esperar, um casal formado por dois homens quase inevitavelmente, tende a ser mais instável que um formado por indivíduos de ambos os sexos, já que os dois tenderiam a valorizar uma maior rotatividade de parceiros.

Outro fator enfraquecedor da monogamia homossexual é, a falta de pressões sociais familiares, legais, econômicas etc., que servem para manter unidos os casais heterossexuais mesmo depois de terminada a primeira paixão que os levou a se unirem inicialmente. A alternativa proposta por aqueles que recomendam a monogamia para a prevenção da AIDS é, o celibato e a castidade. Apesar dos apelos que essas recomendações possam ter para aqueles que gostariam de ver uma volta à um regime mais sexualmente repressivo as mazelas psíquicas e sociais que acarreta já foram por demais demonstrados e discutidos para que os consideremos alternativas viáveis ou desejáveis.

Surge então, um outro grupo de propostas que enfatiza o fato de que a AIDS não resulta diretamente do fato de se ter um grande número de parceiros e sim de práticas específicas. Procura-se, portanto, difundir o conhecimento sobre certas técnicas que retirariam o perigo de contágio das relações sexuais, não importando com quantos parceiros diferentes se dessem. Recomenda-se assim o uso da camisa de venus e, a evitação da troca de fluídos orgânicos em geral. Essa abordagem mais positiva esbarra porém em muitos obstáculos. O maior deles é a concepção moralista que ainda comanda posições de grande poder dentro de nossa sociedade e que até agora tem tornado quase impossível uma discussão da sexualidade de forma ampla e isenta de preconceitos. A questão da homossexualidade em específico ainda é tratada como um tabú pelos meios de comunicação de maior difusão apesar do grande interesse manifestado por esse assunto pelo grande público³. Quando abordado, o tema tem sido tratado de forma oblíqua e eufemística ou então em tom caricatural e ridicularizador.

Imagine-se dentre desse contexto, o escândalo provocado quando se pretende fazer recomendações detalhadas sobre como o indivíduo deve proceder para continuar a manter relações homossexuais com prazer e segurança. Obviamente campanhas desse tipo dificilmente conseguem veiculação adequada e recebem pouquíssimo apoio. Nem mesmo os fabricantes de camisas de venus se dispõem a alardear o seu uso como principal maneira de evitar o alastramento da AIDS. Tampouco, existe muito interesse em realizar pesquisas com novos produtos como preservativos de borracha resistente, mais apropriados ao coito anal ou então o desenvolvimento de certos espermicidas com a capacidade de neutralizar o vírus propagador da síndrome (Altman 1986). Os médicos ^{que} também se mostram frequentemente incapazes ou então indispostos a atender a uma clientela homossexual, preocupada mas desejosa de manter suas práticas sexuais, raramente

são capazes de fornecer recomendações detalhadas sobre como fazer isso, preferindo simplesmente apelar para um chamado à castidade ou à monogamia (heterossexual de preferência).

Outro obstáculo à adoção dessas normas (chamadas pelos americanos de "safe sex", sexo seguro), se encontra entre a própria população homossexual masculina que, ao contrário dos heterossexuais sempre preocupados com as possibilidades de gravidez, nunca se havia deparado com a necessidade de usar qualquer tipo de preservativo. Até recentemente essa era até alardeada como uma das grandes vantagens da homossexualidade. Além disso muitos homossexuais, constroem sua identidade desviante em torno de noção de que seriam presas de um instinto ou desejo "selvagem" que não admite controles sociais e, que portanto, tem que ser obedecido mesmo às custas do próprio da sociedade maior. Esses indivíduos, portanto, escudados atrás desse conceito de uma homossexualidade imposta pela natureza, recusam-se a abrir mão de práticas perigosas como o sexo anal e frequentemente repetem o velho chavão sobre o uso de preservativos ser a mesma coisa que "chupar bala sem tirar o papel".

A mudança dessas atitudes, torna-se dificultada ainda mais pela ausência no Brasil de um fórum para a discussão constante de questões relacionadas à homossexualidade. Diferentemente dos EUA, não se dispõe aqui de uma imprensa dirigida ao público gay e tampouco existem organização que sejam reconhecidas como tendo qualquer legitimidade para falar por esse segmento da população. De fato, no Brasil, ainda está muito incipiente o conceito de "comunidade homossexual", o "gueto" sendo voltado quase exclusivamente ao lucro fácil e imediato. Ilustração disso é, a dificuldade de se conseguir que as saunas gays adotem medidas que diminuam os riscos a que seus clientes se expõem, seja através de campanhas educativas, seja através da eliminação de suas "salas de orgias" por exemplo.

As poucas iniciativas de esclarecimento a esse respeito tem sido enfraquecidas a tal ponto que chegam a perder quase toda sua eficácia. O GAPPA por exemplo, lançou um cartaz explicativo com o título "Transe numa boa", destinado exclusivamente à exposição em lugares de frequência homossexual mas seus esforços, além de não receberem apoio público, foram violentamente criticados por importantes autoridades médicas que a consideravam imoral e grosseira⁴. A própria campanha de esclarecimento lançada pelo Ministério da Saúde, teve suas verbas severamente cortadas e alguns dos filmetes originalmente planejados para explicar melhor as medidas preventivas possí-

veis, foram censurados e programados, para ser exibidos pela televisão em um horário tardio e de baixa audiência. Justamente o público menos informado e sofisticado, ou seja, aquele mais carente de esclarecimento, é o menos atingido por uma campanha nesses moldes.

Mas o perigo representado pela AIDS, tem sido amplamente divulgado por todos os meios de comunicação, embora geralmente de maneira moralista. Isso vem tendo repercussão não só nos meios gays, mas entre toda a sociedade e hoje tanto homossexuais, quanto heterossexuais, tem nesse mal uma nova razão para sua ansiedade em torno da questão sexual. O assunto parece dominar todas as conversas e existem indícios ainda incertos de certas mudanças de hábitos. Embora as velhas práticas perigosas continuem ocorrendo entre os homossexuais, parece haver uma nova consciência a respeito da importância do uso de preservativos e uma nova ênfase no voyeurismo e na masturbação indicados pelo boom na pornografia e, pelo frenético movimento em alguns banheiros públicos frequentador por homens que simplesmente desejam-se masturbar às vistas de outros.

Apesar dessas práticas serem tradicionalmente as mais estigmatizadas e perseguidas devido ao seu aspecto "público", face à nova ameaça à saúde da população, talvez seja a hora de repensar atitudes e adotar uma política de vistas grossas, similar àquela adotada por certos países onde o alto índice de transmissão da AIDS através de agulhas contaminadas levou as autoridades a liberarem a distribuição de seringas descartáveis entre a população viciada em drogas injetáveis.

Outra sugestão, também chocante à primeira vista, é o incentivo ao desenvolvimento de meios de comunicação de credibilidade voltados à população homossexual, onde se pudesse discutir amplamente a questão da AIDS, sua transmissão e o tratamento dos já infectados ou enfêrmos.

Ao se fazer essas sugestões, tem-se em mente o seu caráter um tanto utópico diante do conservadorismo moralista atualmente dominante em nossa sociedade, mas sabe-se também que nos EUA, já existem hoje mais de 33.000 casos de doentes de AIDS e, que até o sistema médico hospitalar do país mais rico do mundo, começa a dar sinais de ser incapaz de lidar com tantos pacientes de um mal, cujo tratamento é dos mais raros. No Brasil já havia em abril de 1987, 1.542 casos notificados⁵. Levando-se em conta o alto índice de subnotificação e a extrapolação normalmente feita de que para cada indivíduo que manifeste a doença, existem 100 outros que estiveram expostos ao vírus com

boas chances de o disseminarem e, de também, virem a adoecer, é lícito prever para daqui a pouco uma situação de catástrofe sanitária no país de consequências socio-políticas atualmente difíceis de se imaginar. Talvez até o moralismo tão impregnado nas estruturas oficiais do país venha a ceder perante tal perspectiva. De outra forma, só nos resta esperar até que se repita entre nós a situação atual de vários países africanos, onde enormes proporções da população em geral já se encontram infectados ou doentes.

NOTAS:

1. Fonte: Divisão de Hansenologia e Dermatologia Sanitária, Instituto de Saúde, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, Centro de Referência Nacional para AIDS - março de 1987.

2. Termo pelo qual é conhecido o conjunto de grupos militantes pelos direitos dos homossexuais. Esse movimento teve seu auge em 1980, quando chegou a contar com a participação de mais de 20 grupos espalhados por todo Brasil. Atualmente continuam ativos alguns grupos como o Grupo Gay da Bahia (Salvador), Triângulo Rosa (Rio de Janeiro) e Grupo de Ação Lésbica-Feminista (São Paulo).

3. Recentemente a novela "Roda de Fogo", transmitida pela Rede Globo, sofreu vários cortes da censura em cenas onde se discutia a homossexualidade de um dos personagens.

4. O texto completo desse cartaz, concebido para ser exibido principalmente em sauna gays, era o seguinte: "Transe numa boa - Sexo é bom - Não deixe a AIDS acabar com isso - Evite contato com esperma - Usa Camisinha - Reduza o número de parceiros - Masturbação a dois é gostoso e oferece menos risco - Estar informado é a melhor prevenção - Plantão AIDS (011) 280-0770 - Grupo de Apoio à prevenção à AIDS - Caixa Postal 4106 - CEP 01051 S.P."

5. Folha de São Paulo, 09/04/87

BIBLIOGRAFIA:

- Altman, D. - 1986 - AIDS AND THE NEW PURITANISM - Londres - Pluto Press
- Fry, P. - 1982 - Da Hierarquia à Igualdade: A Construção da Homossexualidade no Brasil, In: Fry, P. PARA INGLES VER - Rio de Janeiro, Zahar Editores pp 87-115
- MacRae, E. - 1985 - O MILITANTE HOMOSSEXUAL NO BRASIL DA "ABERTURA" - Tese de doutoramento em antropologia apresentado ao Departamento de Ciências Sociais Humanas da USP
- McIntosh, M. - 1968 - The Homosexual Role, In: SOCIAL PROBLEMS , Society for the Study of Social Problems - EUA, V.16 c 3 - 1968 pp 182 - 192
- Perlongher, N. - 1987 - O NEGOCIO DO MICHÊ - São Paulo - Editora' Brasiliense